

## RESENHA

### Hipertexto e Ensino: temas e perspectivas

---

Maria Lúcia de Amorim Soares (UNISO) - maria.soares@prof.uniso.br

Eliete Jussara Nogueira (UNISO) - eliete.nogueira@prof.uniso.br

DOI: 10.28998/2175-6600.2014v6n12p172

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011, 120p.

Uma das culturas sobrevivente mais antiga e de fato desafiadora viveu – e continua viva – sem tecnologia por mais de 50 mil anos em condições de miséria e escassez que mal pode ser comparada com nenhuma outra. Os arborígenas da Austrália “sonham realidade”, eles não apenas a sofrem ou a fazem. Derrick de Kerchhove informa que sonhar realidade é uma atividade inteiramente hipertextual. Igualmente, o antigo livro chinês de sabedoria, o I Ching, convida os seus usuários a jogar moedas ou dados para relacionar as suas interrogações às afirmações oraculares que são como o seu horóscopo diário, no entanto, mais profundamente racional em sua coerência quase matemática. Uma enciclopédia, também é um clássico exemplo de hipertexto baseado no papel, pois permite acesso não linear aos verbetes contidos em diferentes volumes. Um exemplo de hipertexto tradicional são as anotações de Leonardo Da Vinci e também a Bíblia, devido sua forma não linear de leitura.

Qualquer um brincando com o seu horóscopo diário pratica o pensamento hipertextual sem saber. O que você faz quando tenta relacionar as predições simplistas endereçadas a você e a todos que nasceram naquele dia/mês é ligar o texto que você vê na sua frente ao amplo banco que você contém na sua memória. Assim como temos praticado as estratégias cognitivas contextuais e textuais aparentemente por todo o sempre, também temos sido capazes de fazer ligações hipertextuais tanto de maneira privada quanto socialmente desde o início dos tempos. O novo fator interessante

## Debates em Educação

introduzido pelos amplos poderes expansivos da linguagem multiplicada pela eletricidade é que a tarefa mais urgente que se apresenta ao professor de Língua Portuguesa, conseqüentemente à escola, é o aprimoramento do chamado “letramento digital”.

Alterando um texto fisicamente ilhado, com significado único, e hierarquicamente superior aos comentários e notas que dizem respeito a ele, no caso o livro, o hipertexto pode afetar, também, a forma de atuação do professor e do aluno. O professor tem parte de sua autoridade e poder transferidos ao aluno, tornando-se um colaborador no processo de ensino e aprendizagem. Por sua vez, o aluno leitor do hipertexto, torna-se mais ativamente participante em relação ao processo de aquisição de conhecimentos, pelo fato de poder elaborar livremente trajetos de seu interesse. Acessando, sequenciando, derivando significados novos, acrescentando comentários pessoais às informações que lhe são apresentadas, o aluno vai abolindo as fronteiras que separam as diferentes áreas do conhecimento.

O hipertexto pode ser entendido como um texto exclusivamente virtual que possui como elemento central a presença de links, que podem ser palavras, imagens, ícones, sons, etc., remetendo o leitor a outros textos. O conceito de “linkar” ou de “ligar” textos foi criado, em 1960, por Theodore Nelson, como um trabalho de final de curso de pós-graduação que fazia em Harvard. Roland Barthes, que concebeu em seu famoso livro *S/Z* o conceito de *Lexia*, a ligação de textos com outros textos, foi o pensador que influenciou Ted Nelson, bem como recebeu influências do poeta romântico inglês Samuel Coleridge (1772-1834), que por sua vez se inspirou no livro das *Maravilhas de Marco Polo* para escrever o poema “*Kubla Khan*”. Luiz Fernando Gomes especifica: no poema, Xanadu é a mágica, onírica, sensível e licenciosa capital comandada pelo imperador chinês Kublai Kan (neto de Gêngis Khan) que surge, apaixonando também o autor de “*Hipertexto no cotidiano escolar*” que o transcreve. Xanadu é o projeto mais famoso de Ted Nelson, um sistema mundial de hipermídia existente até hoje:

Em xanadu, um palácio de prazer

## Debates em Educação

Camanda-o Kublai Khan como um farol  
Onde Alph, rio sagrado, vem correr  
Através de cavernas sem mais ver  
Ao ser humano até um mar sem sol.  
Assim, milhas e milhas de bom solo,  
Cerca de um muro e torres polo a polo:  
E lá jardins luzentes em ribeiros  
Curvos e árvores com flor e incenso;  
Aqui florestas velhas qual outeiros,  
Estufam tons de sol em seu descenso.  
(Tradução de José Lino Grünewald)

Ted Nelson criou o termo hipertexto em 1974, como aquele que define um arquiteito dentro de um espaço hiperbólico. Nelson argumentou que os leitores não deveriam ser constrangidos pela estrutura do assunto ou pela estrutura do conhecimento do autor na construção do significado informativo. A estrutura do conhecimento de cada indivíduo é idiossincrática, de modo que cada qual deveria estruturar a informação de maneira que lhe faça sentido dentro de dois principais traços definidores de hipertexto: sua alinearidade e a interatividade que propicia.

Como diz o professor Luiz Fernando Gomes, autor do livro “Hipertexto no cotidiano escolar”, é um livro “para ler e usar”. De forma a dar conta da tarefa de proposta o autor faz na primeira parte do livro, um breve histórico da invenção do hipertexto e não apresenta apenas elementos de conexão no texto. Na segunda parte apresenta a possibilidade de trabalho com os hipertextos em sala de aula, com especificidades para quem não sabe fazer isso. As propostas feitas incentivam os alunos a criar jogos, mapas conceituais e fluxogramas, bem como trabalhar com textos verbais e não verbais na busca de explorar a riqueza de informações que podem encontrar em sites, dicionários e tradutores disponíveis da internet. Seguem-se Glossário, Sugestões de leitura, Referências (apenas inicial) e Índice de fontes das

## *Debates em Educação*

sessenta figuras apresentadas ao longo dos capítulos, completado por quatro textos: Bumba meu Morro, Rio de Sangue, Etimologia da palavra Brunch e Vuvuzelas.

Com “Hipertexto no cotidiano escolar” Luiz Fernando Gomes revela, nas entrelinhas, que duas grandes tecnologias modificaram nossos relacionamentos com a linguagem: a escrita e a eletricidade. A escrita através da separação entre texto e contexto e através do isolamento do leitor e da liberação das mentes individuais de uma mente única e coletiva que era a mente das tribos. A eletricidade trazendo todos os sentidos de volta para a linguagem, mas, ao mesmo tempo externando as mentes dos leitores na tela favorecendo relações icônicas (Kerchhove). Como efeito, Luiz Fernando Gomes mostra a inexorável corrida em direção a conexões mais rápidas e maiores, assim como em direção a conexões mais pertinentes, amplificadas, estendidas e executadas pela eletricidade.

“Hipertexto no cotidiano escolar” é uma leitura que alinhava pontos reveladores de que o tipo de sociedade que estamos entrando será diferente. Colocar as mentes em rede em vez de em paralelos pode permitir obter resultados mais pertinentes. Assim, um dia, a academia poderá finalmente multiplicar as inteligências e os corações dos seus estudantes (Kerckhove) em vez de simplesmente dispô-los juntos, tal como ela ainda faz hoje.